

O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE SASKIA SASSEN: UMA ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIAIS EMANCIPATÓRIAS NA CIDADES GLOBAIS¹

ELENISE FELZKE SCHONARDIE²

GILMAR ANTONIO BEDIN³

SUMÁRIO: 1. INTRODUÇÃO. 2. O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO. 3. DA CIDADE ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO À ANÁLISE DA CIDADE GLOBAL. 4. AS CIDADES GLOBAIS E AS REIVINDICAÇÕES DA SUA CLASSE DESFAVORECIDA. 5. CONCLUSÃO. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

¹ O presente texto é resultado do projeto de pesquisa “As cidades globais e os direitos humanos: uma análise a partir das contribuições teóricas da socióloga Saskia Sassen” desenvolvido junto ao Programa de Doutorado em Direito da Universidade Regional Integrado do Alto Uruguai e das Missões – URI/SAN, como Estágio de Pós-Doutorado em Direito.

² Pós-Doutoranda em Direito junto ao Programa de Doutorado em Direito da Universidade Regional Integrado do Alto Uruguai e das Missões – URI/SAN. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Mestre em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direitos Humanos – Mestrado e Doutorado - da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ/Brasil. Professora do Curso de Graduação em Direito da UNIJUÍ. Membro do grupo de pesquisa Direitos Humanos, Governança e Democracia – *MUNDUS*; Membro da Rede Internacional Interdisciplinar de Desigualdades. E-mail: elenise.schonardie@unijui.edu.br

³ Pós-Doutor pela Universidade de Santiago do Chile (USACH). Doutor e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professor dos Cursos de Graduação em Direito e dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito – Mestrado e Doutorado – da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: Direitos Humanos, Governança e Democracia. Membro da Rede Internacional Interdisciplinar de Desigualdades. E-mail: gilmarb@unijui.edu.br.

RESUMO: O artigo aborda o fenômeno da globalização e suas contribuições para a ampliação da complexidade do mundo atual e para a emergência de novos atores na sociedade internacional. Essa análise é feita a partir dos aportes teóricos de Saskia Sassen sobre o papel das cidades globais e das possibilidades de realização de práticas sociais emancipatórias nesses importantes territórios urbanos. Assim, o problema de investigação pressupõe a relativização do papel dos Estados como núcleo fundamental da sociedade internacional e o fortalecimento das cidades globais como local estratégico para a materialização do fenômeno da globalização econômica. Além disso, o trabalho destaca que estes espaços urbanos são, ao mesmo tempo, lugares de disputas políticas estratégicas e de práticas sociais emancipatórias relevantes. Em consequência, a conclusão do trabalho é que as cidades globais são locais estratégicos para a produção e reprodução do grande capital financeiro transnacional essenciais para a economia global, nos quais a presença das novas tecnologias são determinantes para as operações em escala planetária, constituindo em novas territorialidades, mas que também são locais de confrontação ativa de novos atores sociais, com potencial de se tornar lugares de referência de novas práticas políticas inovadoras e voltadas à efetivação dos direitos humanos. Em relação a metodologia, destaca-se que a pesquisa utilizou o método de abordagem hipotético-dedutivo e o método de análise histórica e sociológica. A técnica de pesquisa utilizada foi a bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Cidades Globais; Direitos humanos; Globalização; Práticas Sociais Emancipatórias; Saskia Sassen.

THE PHENOMENON OF GLOBALIZATION AND THE THEORETICAL CONTRIBUTIONS OF SASKIA SASSEN: AN ANALYSIS OF THE POSSIBILITIES OF REALIZING EMANCIPATORY SOCIAL PRACTICES IN GLOBAL CITIES

ABSTRACT: The article approach the phenomenon of globalization and its contributions to the extension of complexity of the current world and the emergence of new actors in international society. This analysis is based on Saskia Sassen's theoretical contributions on the role of global cities and the possibilities for carrying out emancipatory social practices in these important urban territories. Therefore, the research problem presupposes the relativization of the role of States as the fundamental center of international society and the strengthening of global cities as a strategic location for the materialization of the phenomenon of economic globalization. Furthermore, the work highlights that these urban spaces are, at the same time, places of strategic political disputes and relevant emancipatory social practices. Consequently, the conclusion of the

work is that global cities are strategic locations for the production and reproduction of large transnational financial capital essential for the global economy, in which the presence of new technologies are decisive for operations on a planetary scale, constituting new territorialities, but which are also places of active confrontation of new social actors, with the potential to become places of reference for new innovative political practices focused on the achievement of human rights. Regarding methodology, it is noteworthy that the research used the hypothetical-deductive approach method and the historical and sociological analysis method. The research technique used was bibliographic.

KEYWORDS: Global Cities; Human rights; Globalization; Emancipatory Social Practices; Saskia Sassen.

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da globalização é um dos principais acontecimentos políticos, sociais e econômico das últimas décadas. Por isso, compreender as suas principais implicações é um trabalho relevante. Neste sentido, destacam-se as contribuições teóricas de Saskia Sassen. Mas, quem é Saskia Sassen? A autora é das sociólogas mais importantes da atualidade e tem uma significativa atuação acadêmica na parte norte do continente americano e no continente europeu. O ponto de partida de sua análise do tema da globalização é que este fenômeno impulsionou um conjunto de transformações importantes em todas as regiões do mundo e que as consequências deste processo acabam produzindo efeitos para todos os povos e localidades. Em sua análise, destaca-se o exame de novas categorias, como das cidades globais, e seu papel na configuração de uma nova ordem geopolítica, que desafia as autoridades nacionais e seus respectivos sistemas legais.

Assim, pode-se dizer que a autora desenvolve uma forma de compreensão do fenômeno multiescalar, no qual analisa e explica as diferentes interações da globalização, em razão dos novos atores transnacionais que orquestram as dinâmicas globais a partir de centros de poder (econômico e político) que funcionam como pontos nodais, locais estratégicos que irradiam as

decisões do grande capital transnacional para o globo.⁴ Para tanto, suas reflexões resgatam a lógica sistêmica desenvolvida pela economia política desde a década de 1980 e se voltam para a compreensão dos novos centros estratégicos da globalização. Esses centros estratégicos são as chamadas cidades globais.

As chamadas cidades globais são, portanto, um dos novos espaços fundamentais de articulação do mundo atual. Estes locais são um dos polos propulsores do grande capital transnacional e, portanto, centros de produção e geração de diversas formas de desigualdades, mas são também, para Sassen, paradoxalmente, lugares inovadores e de florescimento de novos sujeitos sociais, de novas reivindicações e de novas formas de reivindicações de grupos humanos que não conseguem viver e acessar este novo o ambiente urbano especificamente planejado para utilizado por uma elite altamente qualificada, etnicamente diversificada e altamente desterritorializada que representam o capital transnacional.

Desta forma, é possível dizer que estes novos lugares urbanos produzem também, para a autora, novos personagens e novas demandas de inclusão social. De fato, estes novos grupos emergentes se aproveitam de uma espécie de fissura do sistema econômico do grande capital financeiro, como algo não previsto e, de certa forma, fora do controle dos atores transnacionais, para terem acesso aos benefícios deste mundo hiperdesenvolvidos e para defenderem os seus direitos. Neste sentido, destaca Sassen que estes novos atores políticos da cena urbana das cidades globais são uma espécie de efeito não esperado, não previsto, não desejado e fora do controle das grandes empresas transnacionais.

Ao destacar o conceito de cidade global⁵, Sassen o faz a finalidade de analisar a cidade como um local de intersecção entre o local e o global, mas com uma nova compreensão escalar que não observa o tradicional conceito de escala até então utilizado. Por isso, os conceitos de poder e desigualdades, em suas

⁴ Não se trata de aspectos geográficos, mas sim de poder. Um poder eminentemente econômico que vai cooptando o poder político.

⁵ Neste contexto, é importante esclarecer que Sassen não foi a autora responsável pela formalização do conceito de “cidade global”. Mas, foi ela que deu a expressão notoriedade acadêmica global com suas obras da década de 1980.

obras, são fundamentais. Para isto, ela parte da ideia que a globalização econômica gerou um mundo diferente. Este novo mundo possui como referências, entre outras: a) hipermobilidade humana; b) comunicações em escala global e; c) neutralização do lugar e da distância.

Assim, é um mundo diferente e que precisa de pontos de articulação e de controle. Estes pontos são as chamadas cidades globais. Portanto, são estas cidades que instalaram, a partir das novas tecnologias, capacidade de operação, de coordenação e de controle necessários para os fluxos regulares das corporações transnacionais. Assim, para Sassen, as cidades globais são os lugares de referência de produção e reprodução da organização e da gestão de um sistema de produção e de um mercado global de alta concentração econômica. Para tanto, isso inclui, necessariamente, a análise das categorias do lugar e do processo de produção (categorias que são normalmente negligenciadas quando é analisado o poder nas empresas transnacionais). Isto reforça a percepção que o poder é exercido em algum lugar distante e por uma pequena elite indeterminada.

Apesar desta percepção, não é difícil compreender que estes lugares são as chamadas cidades globais. De fato, estas cidades (e suas zonas de processamento de exportação) são os lugares em que se concentra este poder e os recursos necessários para fazerem a economia mundial funcionar.⁶ Dito de outra forma, as cidades globais são os locais reais em que as atividades econômicas do grande capital transnacional se materializam e a parte urbana do mundo em que vive a elite que toma as decisões mais importantes na atualidade.

Desta forma, as cidades globais tem um papel diferenciado no mundo atual globalizado.⁷ Por isso, o objetivo geral deste artigo é compreender as transformações provocadas pela globalização (em especial, sobre os espaços territoriais) e suas contribuições para a emergência das chamadas cidades globais, seus papéis na atualidade e suas potencialidades emancipatórias. Para tanto, em busca de uma melhor compreensão a respeito das análises realizadas

⁶ Como por exemplo: Xangai, Cingapura, Rotterdam, Dubai; Yokohama; Vladivostok; Hamburgo; Tokio, Barcelona; Felixtowe; Casablanca; Alexandria e canal de Suez; Los Angeles, Nova York entre outras.

⁷ O conceito de cidade global será desenvolvido no item 4 deste trabalho.

por Saskia Sassen, são retomados alguns dos questionamentos feitos pela própria autora, na tentativa de identificar possíveis direções: Será essa nova geografia transnacional o espaço para novas políticas transnacionais? Será que a análise econômica das chamadas cidades globais recupera a ampla variedade de culturas de emprego e de trabalho que fazem parte da economia global? E será, por fim, que se está diante de novas formas sociais que repetem as velhas condições sociais?

Essas questões são relevantes na medida em que suscitam uma espécie de cuidado redobrado na análise para identificar novos processos ou reconhecer antigos e persistentes processos. Isto porque, lembra a autora, por exemplo, que o poder, a mobilidade do capital, a desvantagem política e econômica, a falta de moradia, assim como o crime organizado, já existia muito antes da atual fase da globalização. E, continuam a existir em nosso tempo. Em outras palavras, Sassen ocupa-se da análise de quais são os fatos e processos realmente novos que podem ser identificados e investigados no mundo atual globalizado.

Nessa direção, a relação entre globalização e urbanização tem produzido inúmeras consequências em nível global nas duas primeiras décadas do século 21, como a acentuação da concentração da riqueza e abissal desigualdade social. Como consequência, percebe-se o surgimento de novas dinâmicas urbanas que são irradiadas a partir das chamadas cidades globais e que repercutem em nível local. Identificar essas repercussões territoriais locais e os novos delineamentos da vida urbana e dos direitos humanos, no início do século 21, ocasionados pela globalização e, em consequências, pela atuação das chamadas cidades globais, são importantes para compreensão da realidade atual.

Assim, o problema da investigação centrar-se-á na identificação da lógica entre globalização e urbanização crescentes que nos obriga a repensar o papel dos Estados como núcleo fundamental da sociedade internacional e como reduzir as externalidades da economia global, valorizando os espaços urbanos locais e as práticas sociais aí emergentes. A hipótese ventilada a partir do problema proposto é se as cidades globais podem se tornar os locais de referência para novas práticas sociais emancipatórias. Desta forma, estes

espaços urbanos estratégicos podem ajudar a recuperar, em conjunto com as demais novas territorialidades, os espaços de efetivação dos direitos humanos e da vida com dignidade.

O texto está estruturado em quatro seções. A primeira seção ocupa-se da análise da globalização econômica e, em consequência, da nova conformação geográfica do mundo (um mundo conectado econômica, política e socialmente em escala planetária). A segunda, avalia a cidade como foco da pesquisa social para a compreensão do seu protagonismo no presente contexto histórico e social. Na terceira seção, aprofunda-se a análise da cidade global, sua caracterização e suas dinâmicas. Por fim, na quarta seção, reflete sobre o lugar e as práticas sociais na cidade global considerando os novos atores e novas pautas emergentes do território urbano e sua possível convergência para os direitos humanos.

2. O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO

A nova geografia inaugurada pela atual fase da globalização contém simultaneamente dinâmicas de dispersão e de centralização. Sendo que as tendências de grande escala que ocupam-se da dispersão espacial das atividades econômicas em níveis metropolitanos, nacionais e globais que comumente são associados a globalização tem aumentado a demanda de novas formas de centralização territorial de funções de alto comando de direção e de controle do capital transnacional, com alta capacidade de transmissão instantânea de dados e ativos financeiros oportunizados pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs). E, essa dispersão geográfica e a simultânea concentração de comando, controle e gestão constituem um dos elementos centrais na arquitetura organizativa do sistema econômico global (SASSEN, 2009).

Na obra “Los espectros de la globalización”, publicada pela primeira vez em língua inglesa no ano de 1998 e, em espanhol em 2003, a autora inicia com

a seguinte indagação: Qual é o lugar estratégico, essencial, para muitos dos circuitos através dos quais se constitui a globalização econômica? A resposta é muito direta, é a cidade. Esta afirmação é fundamental, pois revela que, para a autora, mais que discutir o fenômeno da globalização em geral, é necessário tornar mais concreta e palpável a sua apreciação, pois existem lugares específicos nos quais os complexos econômicos se materializam de maneira sólida, visível, e esse lugar é a cidade, em especial, as cidades grandes (Sassen, 2003).

Assim, ao introduzir-se as cidades na análise da globalização econômica, a autora permite: a) reconceituar os processos da globalização econômica; b) observar a multiplicidade de economias, de culturas de trabalho incorporadas à economia da informação globalizada; c) recuperar os processos concretos e localizados através dos quais a globalização existe; d) sustentar que muito do multiculturalismo das grandes cidades é parte da globalização, assim como as finanças e; e) especificar uma nova geografia de lugares estratégicos na escala global, lugares esses ligados pelas dinâmicas da globalização econômica. Com isso, avalia uma nova geografia da centralidade, na qual é possível identificar não apenas uma nova geografia transnacional, mas também o espaço para novas políticas transnacionais.

Para a autora é preciso introduzir de maneira específica as cidades na análise da globalização econômica, pois são elas os locais onde ocorre a materialização das decisões de uma nova ordem geopolítica global. Em outras palavras, destaca a importância da análise investigativa recuperar o lugar e a produção da economia global (que são constituídos em grandes cidades), afirmando que,

É porque ambos nos permitem enxergar a multiplicidade de economias e culturas de trabalho em que está enraizada a economia global da informação. Além disso, também nos permitem recuperar os processos concretos e localizados pelos quais a globalização toma forma e argumentar que grande parte do multiculturalismo nas grandes cidades é tanto parte da globalização quanto são as finanças internacionais. [...] o foco nas cidades nos permite especificar uma geografia de locais

estratégicos na escala global, locais ligados entre si pela dinâmica da globalização econômica. (SASSEN, 2010, p.86)

Entretanto, é importante lembrar que “La globalización es un proceso que genera espacios contraditórios, caracterizados por los conflictos, la diferenciación interna y los contínuos cruces de limites.” (SASSEN, 2003, p.32). Desse modo, sua análise torna-se tão complexa, quanto a própria globalização o é como um processo de reconfiguração do mundo. Isto acontece porque, as dinâmicas que se estabelecem nos territórios urbanos eleitos como essenciais para o grande capital transnacional, operam com certa precisão, mesmo diante das contradições e conflitos gerados pela globalização em sua ambivalência.

Assim, foi a globalização, como um dos fenômenos mais importantes da atualidade, o fator que desencadeou um conjunto de diferentes processos transnacionais referentes a economia, a política e a cultura, modificando, significativamente, o papel de atores tradicionais da sociedade internacional, como o Estado-Nação, bem como o significado de categorias clássicas para as ciências sociais, impondo novos desafios para os planos teórico e metodológico. Segundo Sassen (2010, p. 9) tais desafios “advêm do fato de que o global [...] transcende o quadro exclusivo dos Estados Nacionais, mas de modo simultâneo, habita parcialmente territórios e instituições nacionais.” Dito de outra forma, a globalização, na visão da autora, habita, de modo parcial, o nacional e também o local.

Desse fato decorrem, para a autora, duas premissas importante: a) o Estado-Nação foi historicamente o conformador dos processos sociais; b) a correspondência implicada do território do Estado com o nacional criou um conjunto de fronteiras que organizavam o mundo. No entanto, poderá se argumentar que tais premissas foram sendo alteradas, ainda que parcialmente, ao longo da história do Estado moderno, em especial a partir da 1ª Guerra Mundial. Isto é verdade. Mas, para Sassen (2010), agora essas condições estão sendo ativamente desarticuladas, sendo também diferente agora o nível desse desmonte político.

A constatação desta transformação permite que a autora olhe para a globalização não apenas como um processo de mudança que amplia a interdependência e o número de instituições globais, mas também como algo que habita o nacional, a fim de detectar a presença da dinâmica globalizante em ambientes sociais densos, que misturam elementos nacionais e não nacionais. Desse modo, na sua apreciação, a palavra ‘globalização’ abrange dois conjuntos distintos de dinâmicas. No primeiro conjunto, estão a formação de processos e instituições explicitamente globais (como a Organização Mundial do Comércio – OMC, mercados financeiros globais, os Tribunais Penais Internacionais, o novo cosmopolitismo) que são formações novas e manifestamente globais. No segundo conjunto, encontram-se as dinâmicas que abrangem os processos que não ocorrem necessariamente no nível global, mas, que para a autora, fazem parte da globalização. Dito de outro modo, são dinâmicas que ocorrem dentro de territórios e domínios institucionais, construídos em termos nacionais em grande parte do mundo, mas não em todo ele, como as “redes e entidades transfronteiriças que conectam diversos processos e atores locais ou “nacionais”, ou a recorrência de questões ou dinâmicas específicas em um número cada vez maior de países ou localidades.” (SASSEN, 2010, p.11).⁸ O encontro destes fatores é fundamental para a rápida ampliação e a consolidação do fenômeno da globalização.⁹

Mas, existe, para a autora, uma única globalização? Não, existem múltiplas globalizações. Mas, a globalização da economia corporativa global – denominada de globalização econômica – tem uma forma única e domina todo o planeta. Apesar de ser única, a globalização econômica opera, em suas intersecções com o local, de forma distinta. Por isso, é fundamental, para Saskia Sassen, as contribuições da geografia política e econômica para a compreensão

⁸ No segundo conjunto de fatores ainda poderiam ser referidos, para a autora, a existência de uma agenda global implícita ou explícita, presentes, por exemplo, nas organizações de defesa dos direitos humanos ou de proteção ambiental, ou, então, nas diretivas do Fundo Monetário Internacional ou do chamado Banco Mundial para os Estados sujeitos a implementação de políticas fiscais e monetárias. E, também, pela utilização que os tribunais nacionais estão fazendo de tratados internacionais (sejam de padrões ambientais, de direitos humanos ou normas da OMC) na resolução de questões que outrora eram resolvidas apenas pela aplicação de instrumentos nacionais ou, então, recorrem a novas formas de solução dos conflitos de maneira não estatal (tribunais arbitrais, por exemplo).

⁹ A análise do fenômeno da globalização foi realizada, nas últimas décadas por vários autores importante. Entre estes autores, destacam-se: Zygmunt Bauman (1999 e 2001), Ulrich Beck (2018), Manuel Castells (2016), Anthony Giddens (2007) e Octavio Ianni (2013).

de suas escalas. Isto porque, os processos, as práticas e o conteúdo dessa forma de pensar, pode ser denominado de globalização multiescalar.

Esta globalização multiescalar apresenta novas arquiteturas conceituais que não se restringem aos antigos dualismos nacional/global e local/global. Certas formações e processos nacionais e subnacionais e a sua recodificação com o global exigem novas categorias, como por exemplo as comunidades transnacionais, as cadeias de produção de bens, as cidades globais e a compressão espaço-temporal, que geram a desestabilização de antigas realidades. A categoria da desnacionalização, por exemplo, emerge da necessária reorganização conceitual. “As estruturas do global dentro do nacional, portanto, acarretam uma desnacionalização parcial e tipicamente muito especializada e específica de certos componentes do nacional.” (SASSEN, 2010, p. 13)

Embora, as formações globais existam há séculos, a autora destaca que “As formações globais de hoje são diversas, como formas sociais e como ordens normativas.” (SASSEN, 2010, p.16). Por esta razão, apresenta a noção de hierarquias escalares, centrada no padrão tradicional do Estado-Nação, sob o impacto da atual desestabilização das novas dinâmicas e tecnologias e analisa o significado do subnacional em um mundo global e parcialmente digital, com a presença de entidades subnacionais que podem escapar das hierarquias organizadas em torno do Estado nacional e seu papel como ator (novo) supostamente exclusivo em relações internacionais (as cidades globais). Ainda, explora a noção mais concreta de redes de lugares, as quais desagregam o global em certos circuitos transfronteiriços que conectam localidades específica (uma rede de cidades globais).

Todavia, o Estado nacional constitui o conceito sociológico fundamental para a análise das implicações que as articulações do e no global, uma vez que o nacional e o subnacional contribuem de forma determinante para a configuração dos Estados-Nações. Desse modo, Sassen (2010, p.17) amplia o terreno de sua análise para que se possa entender que o global “é parcialmente constituído pela desnacionalização de certos componentes daquilo que foi construído como territórios nacionais e domínios institucionais.”

Essas novas articulações desencadeadas pelo global na atualidade gerou a desestabilização das antigas hierarquias de escala que foram construídas por meios de práticas e projetos de poder de tempos passados, como por exemplo as cidades medievais e seu protagonismo na baixa idade média, por volta do século 14 e os impérios coloniais do século 16. O curioso é que algumas espacialidades imperiais dos séculos anteriores parecem se repetir na atualidade, em especial no que se refere a formação do mercado global para o grande capital, do regime de comércio global e a transnacionalização da produção industrial. Mas a autora alerta que não se trata de uma volta a velhas formas. É categórico reconhecer a especificidade das práticas atuais e das capacidades que as possibilitam. E, segundo ela, essas especificidades resultam, em boa medida, do fato de que “as espacialidades transfronteiriças de hoje precisam ser produzidas em um contexto em que a maioria do território está encerrada em uma estrutura nacional densa e altamente formalizada, marcada pela autoridade exclusiva do Estado nacional”. (SASSEN, 2010, p. 17).

Além disso, deve-se observar que, na análise da autora, o destaque dado ao nacional traz consigo a participação necessária dos Estados nacionais na formação de sistemas globais. Desta forma, considerando que a história do Estado moderno, pode ser compreendida como o trabalho de tornar nacionais os aspectos fundamentais da forma de organização da sociedade foram importantes, mas que agora, com os processos da globalização multiescalar e sua dinâmica de reescalonamento, são profundamente relativizados. Contudo, isso não significa o desaparecimento das antigas hierarquias, mas que novos processos de escalonamento surgem com os antigos, podendo prevalecer sobre estes.

Nas palavras da autora,

O projeto global das empresas poderosas, as novas capacidades técnicas associadas às Técnicas da Informação e Comunicação (TIC) e o crescimento de componentes supranacionais no trabalho do Estado começam a constituir escalonamentos estratégicos para além do nacional. Entre eles, estão as escalas subnacionais, como a cidade global, e escalas supranacionais, como os mercados globais. Esses processos e

práticas desestabilizam parcialmente as hierarquias escalares que expressam as relações de poder e a economia política de um período passado. (SASSEN, 2010, p. 18).

Essa nova e complexa configuração multiescalar é o novo tipo de espaço operacional usado pelas empresas multinacionais. Isto porque, inclui como componentes básicos as espalhadas redes de filiais e concentrações de funções estratégicas em um único lugar ou em alguns lugares. Tomando por exemplo, “um centro financeiro de uma cidade global é uma entidade local, que também faz parte de um mercado eletrônico de escala global.” (SASSEN, 2010, p. 19). O que permite a crítica a ideia de escalas fixas e em seqüências certa reificação a respeito das mesmas.

Na hipótese de Sassen (2010) a cidade global constitui o modelo organizacional onde há o conjunto de condições e dinâmicas necessárias para tornar as operações das empresas e mercados mais estratégicos e complexos. Tudo, graças a existência de serviços especializados (e as infraestruturas e prédios imprescindíveis), de intensidade de tecnologias da informação e comunicação (TICs) e de economias de aglomeração em níveis variáveis que são proporcionadas pelas cidades por meio de concentrações territoriais de recursos múltiplos.

Todas essas condições e processos fazem com que a análise do global, considere, necessariamente, o caráter multiescalar que o local e o global estão assumindo. Em outras palavras, para a autora é fundamental que no estudo da globalização “se considere não apenas aquilo que é explicitamente global em escala, mas também em práticas e condições de escala local que são articuladas com a dinâmica global.” (SASSEN, 2010, p. 20).

Neste ponto é importante frisar que a autora busca esclarecer qual o lugar no qual determinadas estruturas do global habitam o que foi historicamente construído e institucionalizado como território nacional. Isso em razão de que, sendo o nacional demasiadamente institucionalizado e denso, as estruturas do

global dentro do nacional acarretam uma desnacionalização parcial e bastante específica de certos componentes do nacional.¹⁰

Nesse sentido, o subnacional é considerado como um lugar para a globalização. E, isto permite que a pesquisa da globalização de Sassen tenha como foco uma variedade de dinâmicas globalizantes ou desnacionalizantes que ainda são codificadas e representadas como locais e nacionais, embora já não o sejam mais nacionais ou locais ou apenas isto.

3. Da Cidade Enquanto Objeto de Estudo à Análise da Cidade Global

A cidade é um local estratégico para exploração de muitos temas relevantes que confrontam a sociedade e a sociologia. Na primeira metade do século 20 o estudo das cidades estava no centro da sociologia.¹¹ Depois, houve um período em que a cidade deixou de ser vista como um local de grandes transformações e passou a ser um local estratégico para pesquisa sobre os processos não urbanos, denominados de problemas sociais.

Neste início do século 21, a cidade emerge, mais uma vez, como local estratégico para entender algumas das principais tendências que reconfiguram a ordem social.

As cidades emergem como um momento territorial ou escalar em uma dinâmica transurbana (rede de cidades globais). A cidade, aqui, não é uma unidade limitada, mas uma estrutura complexa que pode articular uma variedade de processos transfronteiriços e reconstituí-los como uma condição parcialmente urbana. (SASSEN, 2010, p. 89, grifo nosso)

¹⁰ Essa questão aparece muito bem analisada na segunda parte da obra “Territorio, autoridad y derechos”, de 2013, na qual a autora trata da desmontagem do nacional e aborda de modo mais detalhado a respeito da desnacionalização de programas e instituições nacionais, bem como da privatização da elaboração das leis.

¹¹ Com os estudos, por exemplo, de Simmel, Weber e Benjamin e de maneira mais proeminente na Escola da Chicago com Robert Park, Louis Wirth. Mais adiante destacam-se os estudos de H. Lefebvre, M. Castells, D. Harvey; R. Sennett).

Não há dúvidas de que a cidade (a grande cidade), juntamente com a região metropolitana, é um dos espaços onde grandes tendências macrossociais se materializam e assim podem ser constituídas como objeto de estudo (SASSEN, 2010). [...] centrarse en las ciudades hace posible reconhecer el anclaje de múltiples dinâmicas transfronterizas en una red de lugares, de entre los cuales sobresalen las ciudades, y en especial las globales o aquellas con funciones de ciudad global. (SASSEN, 2009, p. 58).

Nesse sentido, a pesquisa sociológica de Sassen sobre a cidade aborda o reescalonamento de hierarquias espaciais (global/nacional/regional/local) com novas significações e alteram a concepção tradicional de escala, conforme mencionados no tópico anterior. Além disso, sobressai nos estudos da autora por meio da expressão “recuperar o lugar” significa reaver a multiplicidade de presenças nessa paisagem urbana. A grande cidade da atualidade emergiu como um local estratégico para uma variedade de novos tipos de operações – políticas, econômicas, culturais e subjetivas. De fato, segundo a autora, “ela é um dos nexos onde novas reivindicações se materializam e assumem formas concretas. A perda de poder no nível nacional leva à possibilidade para novas formas de poder e política no nível subnacional.” (Sassen, 2010, p.91).

Com isso observa-se a formação de novas geografias, em especial, pela evolução da geografia crítica e suas contribuições. E, as cidades estão nessa nova geografia. Daí, exsurge uma questão relevante que as novas geografias levantam: “estamos assistindo à formação de um novo tipo de política transnacional localizado nas cidades? (SASSEN, 2010, p.91). A resposta da autora a esta questão é afirmativa, em específico, no que diz respeito as cidades globais. Desse modo, torna-se pertinente o delineamento a respeito das cidades globais¹², em razão de constituírem territórios especiais com caracteres específicos para a expansão das ambições do grande capital transnacional que opera em nível global.

¹² Sassen esclarece que a cidade global enquanto categoria de análise só tem sentido como elemento (dentro) de uma rede global de cidades estratégicas para o grande capital transnacional. E, o subsetor corporativo que exerce as funções de controle e direcionamento global está, em parte, integrado a esta rede.

A partir de uma perspectiva geográfica escalar pode-se considerar a cidade global como um espaço de verticalidades. Isso porque, as verticalidades agrupam áreas ou pontos, ao serviço de atores hegemônicos. “São os vetores da integração hierárquica regulada, doravante necessária em todos os lugares da produção globalizada e controlada à distância. A dissociação geográfica entre produção, controle e consumo ocasiona a separação entre a escala da ação e a do ator”. (SANTOS, 1997, p.54). Dito de outro modo, a cidade global constitui um espaço de verticalidade (hierarquia) e ocupa o topo desta, na medida em que institui um lugar de controle dos atores globais do grande capital transnacional.

Em princípio pode-se dizer que as cidades globais são lugares com enorme concentração de poder econômico e constituem centros de comando e de controle de uma economia global, ou seja, são lugares estratégicos na economia global. “As cidades globais são lugares subnacionais em que diversos circuitos globais se cruzam e, a partir daí, posicionam essas cidades em diversas geografias transfronteiriças estruturadas, cada uma com um alcance distinto e constituída em termos de práticas e atores distintos.” (SASSEN, 2010, p. 22), mas com funções centrais que tornam possível a operacionalidade em uma rede de cidades globais.

Com funciones centrales no me refiro unicamente a las sedes centrales directivas, sino a todas as funciones financeiras, legales, de gestión, ejecutivas y de planificación necesarias para dirigir una organización corporativa que opera en más de un país, e incluso en varios a la vez. [...] en gran medida en lo que há dado en llamarse el complejo de servicios corporativos, es decir, la red de empresas financeiras, legales, contables y publicitarias que gestionan las complejidades que supone operar dentro de más de un sistema legal nacional o contable, dentro de diferentes culturas publicitarias, etcétera, y lo hacen bajo condiciones de rápidas innovaciones en todos estos campos (SASSEN, 2009, p. 56).

Conforme anteriormente mencionado, nas cidades globais existe uma concentração de poder oriundo das grandes corporações transnacionais que controlam o grande capital, as finanças globais e as novas tecnologias informacionais, mas isso não ocorre de modo uniforme ou idêntico em todas as

idades globais existentes no mundo, tampouco de maneira homogênea em todo o território da cidade, mas sim, em partes bem específicas do mesmo. Não há um único modo ou modelo de circuitos para a configuração de uma cidade global. “Por exemplo, pelo menos em alguns circuitos que conectam São Paulo à dinâmica global são diferentes dos que conectam Frankfurt, Johannesburgo ou Mumbai (Bombai).” (SASSEN, 2010, p. 22).

Todavia, não é correto confundir a cidade global com a cidade mundial¹³. A cidade global, como nova categoria emergente a partir do final da década de 1980 em diante, é um conceito muito mais específico, na medida em que visa compreender a configuração atual e incorpora as enormes complexidades dos atuais sistemas técnico-econômicos. Para Sassen, (2010, p. 24) “a maioria das principais cidades globais de hoje também são cidades mundiais, mas certamente pode haver cidades globais que não sejam cidades mundiais, no sentido pleno e rico do termo.”

Atualmente, o poder econômico, por meio dos sistemas tecno-econômicos das TICs do grande capital transnacional, passa a influir e até a determinar o poder político, redesenhando a ordem político estatal estabelecida a partir do Estado-nação, deslocando-a para a cidade (a cidade global), como novo ator político, com mais projeção e poder que a própria capital nacional dos estados-nações. E, nesse sentido, o papel desempenhado pelas novas TICs torna-se essencial para o reposicionamento do local. Para esse reposicionamento do local, Sassen (2010, p. 22) introduz uma reconceituação crítica do local e “uma rejeição parcial da noção de que as escalas locais, inevitavelmente, fazem parte de hierarquias escalares concatenadas que vão do local, ao regional, ao nacional e ao internacional.” A perspectiva multiescalar produzida pela globalização, mostrou que é possível a coexistência de diferentes

¹³ A cidade mundial refere-se a um tipo de cidade visto ao longo dos séculos que tem ou teve importância nos diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais no decorrer da história, seja pela sua localização, seja por sua importância cultural ou política, seja como fornecedora de matéria prima ou produção industrial (centros coloniais europeus ou, em períodos anteriores, asiáticos). Nesse sentido, nem toda cidade mundial vai se constituir como uma cidade global. Por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil é uma cidade mundial, mas não uma cidade global porque nela não encontramos a complexidade de circuitos necessários para as determinações dos sistemas tecno-econômicos globais do grande capital financeiro transnacional. Assim, também, Veneza na Itália é uma cidade mundial, mas não uma cidade global. (SASSEN, 1998).

níveis escalares, que não observam, rigorosamente, os conceitos e significados da “antiga” ordem escalar.

Com isso, observa-se que os centros industriais tradicionais, considerados outrora como locais estratégicos, sofreram significativa perda em seu antigo protagonismo. A cidade industrial desaparece no cenário urbano, dando lugar a uma cidade que especializa-se na prestação de serviços, cada vez mais qualificados, com altíssima capacidade de transmissão de fluxos de dados que somente são possíveis pela presença estratégica das tecnologias da informação e comunicação que se fazem presentes em algumas grandes cidades.

Na obra intitulada “The global city”, Sassen (1991) apresenta um estudo minucioso a respeito das principais transformações em andamento àquela época em três cidades consideradas de grande importância para a nova conjuntura global trazida pelos novos atores transnacionais (o grande capital global e as empresas transnacionais). A partir das dinâmicas econômicas de Nova Iorque, Londres e Tóquio, a autora começa a identificar uma multiplicidade de transformações que alteraram significativamente a geografia das centralidades e das marginalidades no território urbano, a presença de novos atores sociais, de novas formas de produção do capital global, de direitos do capital global na nova rede global.

Entretanto, as modificações oriundas da globalização econômica desde a década de 1990 deram origem às grandes transformações que precisam ser examinadas à luz da economia política em razão do que suscitam, como por exemplo: a) os novos alinhamentos político-econômicos (que tem implicações diretas na vida dos desfavorecidos, como por exemplo, aqueles sujeitos afetados pelas desregulações/flexibilizações de direitos em prol do grande capital corporativo), “[...] o redirecionamento dos orçamentos governamentais nas democracias liberais, afastando-os das necessidades da sociedade e dos trabalhadores” (SASSEN, 2016, p. 26), formais, informais e desempregados; b) as novas formas de capital corporativo global (novos produtos do mercado financeiro – *subprime* – títulos de alto risco); c) a transnacionalização do trabalho, para além de profissionais de alto nível, refere-se a imigração, trabalhadores

transnacionais de baixa renda (entre os quais há crescente disparidade); d) a transnacionalização na formação de identidades e lealdades entre diversos segmentos da população que rejeitam explicitamente a comunidade imaginada da nação e; e) as novas solidariedades e noções de pertencimento.

Esses novos alinhamentos trouxeram a existência de novos vínculos no mundo laboral entre o mundo corporativo do poder e os desfavorecidos (metáfora da moeda – de um lado, estão os empregados altamente qualificados e renumerados, do outro, os trabalhadores de baixa renda que de uma maneira quase que invisível tornam possível a manutenção dos serviços altamente especializados). Como por exemplo os faxineiros que trabalham geralmente no turno inverso dos trabalhadores de alta qualificação e remuneração, sendo praticamente imperceptíveis por estes, mas essenciais à manutenção dos sistemas.

Desse modo, para Sassen (2009; 2016) a cidade global é um espaço de confrontação ativa com distintas mobilizações. Grande parte dos circuitos que ocorrem nas cidades globais não são visíveis, pois a mobilidade do grande capital global é muito veloz e realiza-se de maneira virtual. Isto, em razão da alta capacidade de transmissão instantânea das novas TICs que estão a serviço do grande capital transnacional.

É importante mencionar que a presença/localização de cidades globais é bem assimétrica em relação ao globo terrestre. A localização destas cidades está muito mais presente no norte global (países desenvolvidos europeus e norte americano) do que nos chamados países do sul global (países em desenvolvimento localizados na América Latina, Ásia e África). Não obstante, ao final da primeira década deste século 21, observou-se o surgimento de muitas cidades globais na Ásia e Oriente, devido a abertura econômica e política desenvolvimentista alavancada pela China e os chamados Tigres Asiáticos.¹⁴

Contudo, ao longo das últimas quatro décadas é possível identificar três distintos momentos na cidade global: 1º) A cidade global como espaço de

¹⁴ A expressão Tigres Asiáticos refere-se às economias dos países ou cidades-estados de: Hong Kong, Taiwan, Singapura e Coreia do Sul.

transformação, de nova formação entre o nacional/local; 2º) A cidade global como espaço para expansão do sistema capitalista em sua versão neoliberal; 3º) a cidade global como espaço de confrontação ativa.

As cidades globais são locais onde a economia global, em grande parte, é organizada, mantida e financiada. Os processos globais não precisam atravessar as hierarquias de Estados nacionais; eles podem se articular diretamente com certos tipos de localidades e atores locais. (SASSEN, 2010, p. 30)

Isso significa o desenvolvimento de redes transfronteiriças, em uma perspectiva multiescalar que foge a noção escalar tradicional, por meio da formação de um sistema urbano transnacional que é uma estrutura organizacional para as transações transfronteiriças. Tudo isso, sem alterar os limites geográficos do território do Estado nacional, mas com profunda mudança para o significado da autoridade exclusiva do Estado sobre esse território. Ou seja, o papel do Estado nacional foi transformado.

Porém, essa transformação do papel do Estado deu-se, especificamente, pela institucionalização dos direitos das empresas não nacionais, a desregulamentação das transações transfronteiriças e o poder e influência crescentes de algumas das instituições supranacionais (SASSEN, 2013). Essa nova condição do Estado nacional pode ser explicada através da redução da capacidade regulatória do mesmo que é resultante de políticas básicas conexas à globalização econômica. Segundo Sassen (2010; 2013) essa transformação da autoridade do Estado sobre ampla variedade de mercados e setores econômicos e sobre suas fronteiras nacionais são explicadas pela utilização dos seguintes termos: desregulamentação e liberalização financeira e comercial.

No ano de 2011 já era possível identificar mais de 70 cidades globais, nas quais era admissível novos cosmopolitismos transversais; em que a lógica do sistema não é o processo de inclusão do consumidor (consumo de massa dirigido), mas sim de expulsão com formatos distintos em diferentes territórios. Não há um modelo, mas distintos processos e formatos que levam à expulsão.

Nessa fase, as cidades globais, após constituírem-se como espaço para expansão do sistema capitalista em sua versão neoliberal, tornaram-se em espaços de confrontação ativa de distintos atores sociais.

No entanto, pode-se arriscar a identificação de algumas características de uma cidade global (Global City) sem, contudo, ter a pretensão produzir um conceito específico diferente do apresentado por Sassen, enquanto categoria analítica. Assim, são características das cidades globais:

a) São locais de alta densidade populacional (constituem-se em grandes conglomerados urbanos – metrópoles);

b) São cidades em que há presença de uma classe internacional de profissional e ambientes de negócios altamente internacionalizados, de altíssima remuneração;

c) são pontos nodais (estratégicos) de poder das empresas e corporações transnacionais (esse poder não é apenas exercido na área econômica, mas também tem implicações políticas);

d) são locais em que o Estado-Nação tem um papel fundamental, pois é ele que realiza um conjunto de modificações em sua legislação para que o grande capital tenha grande mobilidade e influência sobre quais são seus limites e quais são as leis que deve obedecer;

e) são espaços urbanos em que há uma alta velocidade de fluxos (pessoas, capital e mercadorias) e em que apenas as pessoas desfavorecidas (massa urbana – sem qualificação, muitas jogadas para a informalidade laboral) enfrentam limitações reais de locomoção;

f) são locais em que existe alta intensidade tecnológica a serviço do grande capital global e dos novos atores (empresários e empregados de empresas transnacionais de alta qualificação técnica e elevada remuneração), mas que não são acessíveis a todos (cidadãos comuns);

g) são territórios que funcionam/operam 24 horas ao dia (*full time*);

h) são o centro de tomada de decisões, pois são locais estratégicos para a hipermobildade de capital e de ativos financeiros e; por fim,

i) são centros que possuem poder de espalhar as determinações para todas as partes do planeta, alterando indiretamente a vida na escala local, que estão fora da rede das cidades globais.

As características acima mencionadas não excluem outras que possam surgir ao longo do tempo, isto porque é necessário levar em consideração que as complexidades, as contradições, os riscos e as dinâmicas da atual fase da globalização não permitem o fechamento da análise, tampouco a redução ou certeza conceitual das cidades globais enquanto categoria de análise. Ademais, também é importante considerar que as cidades globais não estão, necessariamente, integradas a economia regional a que pertencem (como tradicionalmente ocorre pela perspectiva da análise da teoria dos sistemas urbanos a partir da noção de nacional, regional para fins de integração de suas economias). E, igualmente são responsáveis pela produção de grandes desigualdades não apenas entre as cidades de uma mesma região ou país, mas desigualdades dentro do território da própria cidade global.

Pero las ciudades que son también emplazamientos estratégicos dentro de la economía global tienden, en parte, a desconectarse de su región. [...] Se ha producido una profunda desigualdad en la concentración de recursos y actividades estratégicas dentro de cada una de estas ciudades y en relación con otras de sus mismos países, aunque este fenómeno tiende a hacerse evidente sólo en niveles muy fragmentarios. (SASSEN, 2009, p.59)

Dessa maneira, é possível identificar a relevâncias das cidades globais e sua crescente importância. Além disso, é possível perceber que nestes novos espaços urbanos inovadores a emergência de novos atores e de novas pautas sobre esses territórios urbanos e sua possível vinculação com uma nova agenda de direitos humanos. Este é o tema do próximo item.

4. AS CIDADES GLOBAIS E AS REIVINDICAÇÕES DA SUA CLASSE DESFAVORECIDA

As cidades globais possuem, como já referido, um papel central na articulação do capital financeiro transnacional e no funcionamento da atual sociedade capitalista globalizada. Mas, este não é o único papel relevante deste tipo de espaço urbano específico. Ao contrário, é também, como lembra, Sassen, um lugar de confrontação direta. Para este processo ser entendido, é fundamental a compreensão de como a classe desfavorecida é constituída. Neste sentido, é lembrar que este grupo é formado, normalmente, por imigrantes em busca de uma oportunidade. Assim, este grupo é formado predominantemente por mão de obra imigrante (latinos, asiáticos e africanos – considerados de baixa qualificação) e que, quando visto em conjunto, formam um grupo transnacional.

Em consequência, as cidades globais acabam tendo a presença de dois grupos transnacionais: os representantes do capital transnacional que possuem origem em vários países e os trabalhadores manuais oriundos de vários países pobres. A característica comum destes dois grupos que eles têm origem, segundo Sassen, na desconstrução dos Estados-Nações e no resgate de uma forma de vida que se aproxima do mundo medieval, momento histórico os sujeitos eram identificados com a cidade e não com Estado (Sassen, 2003, p. 403).

Dito de outra forma, os dois grupos (o considerado superior e o considerado inferior) são o resultado do mesmo processo de transnacionalização do mundo. Apesar desta mesma origem, pode-se dizer que o segundo grupo não possui os mesmos benefícios do grupo considerado superior. O que os diferencia é que os membros do segundo grupo possuem uma mobilidade restrita dentro das cidades globais (acesos apenas aos lugares periféricos) e as suas possibilidades de circularem por todas as partes do mundo não existe. Por isso, lembra Sassen que “elas não fazem parte de uma classe transnacional viajante

ou da nova sociedade civil global de elites transnacionais.” Mas, mesmo assim, elas “participam, seja do ponto de vista objetivo ou subjetivo, de certas formas da globalidade.” (SASSEN 2010, p. 153)

Este segundo grupo é formado pelos imigrantes pobres dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Este grupo forma a chamada nova classe global de desfavorecidos, que compreende uma intensa mistura de indivíduos, categorias populacionais e organizações criadas para este fim específico. Essas pessoas, constituem uma grande maioria nas cidades globais atualmente existentes. Mas, é importante considerar que, nestas cidades, há uma nova lógica para a aglomeração, nas quais existe uma rica diversidade em termos culturais, mas um nível de distanciamento entre os grupos sociais muito elevado (SASSEN, 2010). Assim, são sociedade multiculturais e complexas.

Esta estrutura cria uma separação social entre os grupos humanos muito significativa e uma grande desvalorização dos trabalhadores braçais (grupo considerado inferior). Apesar disso, sociedades também permitem a emergência de novos movimentos sociais e de novas possibilidades. Assim, se, de um lado, há um processo contínuo de crescente desvalorização dos desfavorecidos, por outro, contraditoriamente, oportuniza a emergência de múltiplas e complexas manifestações. Nas palavras da autora,

Las grandes ciudades se han convertido en un emplazamiento estratégico no sólo para el capital global, sino también para la transnacionalización de la mano de obra y la aparición de comunidades e identidades translocales. [...] En este sentido, las ciudades son el escenario de nuevas formas de operaciones políticas, culturales y subjetivas. (SASSEN, 2009, p. 59)

Desse modo, as cidades globais, nas primeiras décadas do século 21, emergem também como um local para novas reivindicações: do capital global, e dos novos usuários da cidade e de setores da população urbana em situação de desvantagem (como por exemplo as mulheres, em especial as mães solteiras, os imigrantes, as pessoas afrodescendentes e asiáticas que não se enquadram no

estereótipo do homem branco europeu ou norte-americano). Este amplo movimento é fruto da desnacionalização do espaço urbano e a formação de novas reivindicações centradas em atores transnacionais e envolvendo a contestação constituem a cidade global como uma zona de fronteira para um novo tipo de relação.

Por zonas de fronteira, Sassen (2010, p.95) entende um terreno dentro do qual as discontinuidades (que são parte integrante, um componente do sistema econômico) podem ser reconstituídos em termos de operações econômicas cujas propriedades não são apenas funções dos espaços de cada lado (não se reduz a uma linha divisória), mas também, e de forma central, são função da própria discontinuidade. Significa trabalhar em vários sistemas de representação e construir espaços de intersecção. Nas palavras da autora,

Las ciudades globales concentran una parte desproporcionada del poder corporativo global y son uno de los sitios clave para su valorización. Pero también concentran una parte desproporcionada de los desfavorecidos y son uno de los sitios clave para su desvalorización. Esta presencia conjunta sucede en un contexto en donde la globalización de la economía há crecido marcadamente y las ciudades se han vuelto estratégica para el capital global; y las personas marginalizadas han encontrado su voz y realizan reclamos sobre la ciudad. (Sassen, 2003, p. 33).

Todavia, a esta presença conjunta de atores favorecidos e desfavorecidos pela globalização econômica, a qual a autora refere-se, traz à tona as crescentes disparidades entre esses distintos atores. Para Sassen (2003) as cidades globais também podem ser pensadas como lugares para as contradições da internacionalização do capital, como terreno estratégico para uma multiplicidade de conflitos e contradições. Dentre esses, destaca-se a dinâmica de disparidade entre setores supervalorizados da economia e setores desvalorizados (quando não são parte das indústrias globais líderes).

Ainda, dentre os setores desvalorizados da economia, aqui em especial a nova classe global de desfavorecidos, observa-se uma mudança demográfica na

força de trabalho urbana onde identificam-se a presença massiva de mulheres, afroamericanos e de imigrantes do terceiro mundo. Todavia, ao direcionar parte de suas preocupações a categorias desnacionalizadas de pobres e imigrantes, Sassen (2010) esclarece que é possível que esses sujeitos encontrem através das redes transfronteiriças a possibilidade de construção e de organização para participar de pautas reivindicatórias de organizações de mulher pobres, ativistas ambientais e de direitos humanos e outros grupos do tipo, por exemplo. Isso porque, as lutas ativistas localizadas podem ser globais, mesmo que se restrinjam a cenários locais e seus membros não tenham meios ou permissões para viajar, pois Sassen (2010) vê a possibilidade dessas lutas serem pensadas como localizações da sociedade civil globalizada. E, as cidades globais são espaços importantes para essa localização, pois são o “lar” de diversas redes e organizações ativistas e diaspóricas.

Para tanto, as TICs são fundamentais, em especial o espaço parcialmente desterritorializado das redes eletrônicas globais. Aqui, a referência recai sobre a internet de acesso público, na medida em que permite a comunicação fácil, rápida e de baixo custo, contribuindo para a distribuição e a formação de domínios eletrônicos nos quais vários atores de diferentes e muitas localidades podem participar. O que confirma a existência cada vez mais frequente de sujeitos políticos informais (não vinculados ao Estado-Nação, mas sim a localidades).

Igualmente, é possível afirmar que nesta fase de capitalismo avançado é possível identificar a conexão entre as novas classes de profissionais globais com o lugar e a globalidade evidente da nova força de trabalho em situação de desvantagem, que engloba todo o tipo de trabalhadores de serviços mal remunerados que trabalham nesses locais de trabalho globais. Sassen (2010; 2016) alerta que a opinião pública, de modo equivocado, tem classificado tais trabalhadores assalariados como pertencentes a setores econômicos atrasados. Isso é um erro, porque na compreensão da autora a análise de classe deve ser centrada em interconexões sistêmicas, diferentemente de uma análise de estratificação e ou de grupos ocupacionais. Desse modo, sugere que os

padrões até então utilizados para a análise de classe nacional devem ser revistos.

Por fim, é importante lembrar que se as atuais formas de globalização econômica aumentam as desigualdades e geram novos mecanismos de exclusão social e também verdadeiro, para a autora, que ela impulsiona novas formas de reivindicações de direitos e novas interconexões, normalmente desconsideradas por algumas teorizações mais restritas do fenômeno. Dito de outra forma, apesar de todas as formas de expulsões geradas pela engenhosidade da produção e reprodução do grande capital transnacional (SASSEN, 2016), elas acabaram se surpreendendo com a capacidade reivindicatória dos sujeitos que integram a nova classe global de desfavorecidos, que abarca uma mistura de indivíduos, categorias populacionais e organizações que encontram nas cidades globais e nas fissuras do capitalismo avançado o espaço para suas reivindicações cidadãs, em uma dimensão da cidadania que desafia o antigo vínculo político e jurídico da figura do Estado-Nação, para pousar em novo solo, na figura ou personificação local, nas cidades globais.

5. CONCLUSÃO

O trabalho debruçou-se sobre a temática da cidade global e a possível intersecção dos direitos humanos nesses territórios urbanos com base nas análises teóricas de uma das principais pensadoras da contemporaneidade, Saskia Sassen, a respeito de uma sociologia da globalização na qual é possível identificar novos elementos que transformam conceitos históricos, evidenciam a complexidade do mundo contemporâneo no qual emergem novos atores e formações globais.

Inicialmente, ocupou-se da apreciação da globalização econômica enquanto fenômeno de dispersão e centralização, essenciais para as funcionalidades do grande capital transnacional. Nesse sentido, as cidades voltam ao protagonismo na pesquisa sociológica, em especial, as grandes

idades, pois estas constituem os locais onde ocorre a materialização das decisões de uma nova ordem geopolítica global que opera em uma nova estrutura multiescalar. Esta nova estrutura multiescalar não segue a tradicional sequência dicotômica excludente entre internacional/nacional/regional/local. Mas sim, demonstra a possibilidade concreta que, em uma nova geografia transfronteiriça, o local possa ocupar o poder global de modo muito mais determinante, sem, contudo, excluir ou banir o nacional.

Nesse sentido, o destaque para as novas arquiteturas organizacionais do grande capital transnacional relacionadas ao controle, comando e gestão das empresas transnacionais são produzidas e materializadas em lugares estratégicos. Tais lugares são denominados por Sassen de cidades globais. E, essas cidades globais do presente não podem ser confundidas com as cidades mundiais ou com as antigas capitais dos impérios econômicos históricos. Destaca-se que as cidades globais enquanto categoria analítica somente tem sentido como elemento dentro de uma rede global de cidades estratégicas.

Há que se considerar que as cidades globais enquanto eixos estratégicos para as funcionalidades do grande capital transnacional necessitam de alta capacidade de processamento e transmissão de dados em tempo real. O que só foi possível graças às evoluções e transformações das novas TICs. Isto porque a mobilidade do capital financeiro internacionalizado demanda alta velocidade e intensa capacidade de processamento de fluxos (de informações e de capital), de uma infraestrutura especializada e diferenciada de prédios e serviços, concentrada em pontos específicos do próprio território das cidades globais, de serviços de contabilidade e advocacia capazes de operar, concomitantemente, em distintos procedimentos, idiomas e culturas, e ainda, a presença de funcionários altamente qualificados e muito bem remunerados (o que pode ser chamado de serviços corporativos), para o comando, o controle e a gestão global da economia corporativa que estão parcialmente integradas a estruturas corporativas nacionais, mas que constituem um setor (ou subsetor) corporativo diferenciado e privilegiado.

Por outro lado, as cidades globais também podem ser pensadas como lugares para as manifestações concretas oriundas das contradições da

internacionalização do capital, como terreno estratégico para uma multiplicidade de conflitos e contradições. Um lugar no qual se tem produzido muitas desigualdades, no qual confrontam-se, de um lado uma pequena elite transnacional que representa o capital global e, de outro a massa de pobres e novos usuários da cidade e de setores da população urbana em situação de desvantagem (como por exemplo as mulheres, em especial as mães solteiras, os imigrantes dos países em desenvolvimento), demonstrando as ambiguidades e contradições produzidas pela globalização econômica.

Em tempo, a análise das cidades globais evidencia as questões relacionadas ao poder e a desigualdades; na medida em que o protagonismo de uma cidade global é muito maior do que o da capital do estado-nação. Aliás, nessas cidades globais identifica-se a presença do poder (econômico) em influenciar as instituições estatais, a política e a produção da lei (por meio de flexibilizações) em prol das grandes corporações transnacionais, reduzindo a importância, a atividade e o próprio tamanho do Estado, enquanto principal ator político da contemporaneidade.

De modo surpreendente, como decorrente das próprias contradições da globalização, Sassen percebe nas cidades globais a possibilidade de recuperar uma multiplicidade de presenças na paisagem urbana, enquanto formas locais (espaços físicos), nos quais se percebe a imbricação entre os direitos humanos e as reivindicações cidadãs dos desfavorecidos, no âmbito destas cidades. Neste ponto, a pauta de reivindicações de ordem ambiental (melhoria da qualidade de vida da população, questões urgentes relacionadas as mudanças climáticas) e a proteção dos direitos humanos dos desfavorecidos (pobres, mulheres e imigrantes – que servem à manutenção do mercado financeiro de capital global como mão de obra informal e de baixa qualidade) encontram um lugar no cenário urbano das cidades globais afim de reduzir as externalidades da economia global recuperando o local e as práticas sociais.

Assim, a resposta a problemática explicitada na introdução do texto é positiva, de maneira a confirmar que as cidades globais enquanto locais estratégicos para a materialização da globalização econômica por meio de uma rede transfronteiriça apresentam em seu anverso, pela desnacionalização do

espaço urbano, novas reivindicações por parte de agentes transnacionais desfavorecidos que questionam a quem pertence a cidade e que reivindicam seus direitos enquanto novos atores globais. Isso, em certa medida, também suscita repensar o papel dos Estados como núcleo fundamental da sociedade internacional e abre espaço para a emergência de novos atores políticos transnacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SASSEN, Saskia. **The Global City: New York, London, Tokyo**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2001.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SASSEN, Saskia. **Los espectros de la globalización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SASSEN, SASKIA. **Territorio, autoridad y derechos: de los ensamblajes medievales a los ensamblajes globales**. Buenos Aires: Katz Editores, 2013.

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global**. Tradução Angélica Freitas. Rio de Janeiro, 2016.

SASSEN, Saskia. Ciudad Global: introducción a um concepto. In, **Las multiples caras de la globalización**. Madrid: BBVA, 2009. Disponible em:
https://www.bbvaopenmind.com/wp-content/uploads/2010/01/BBVA-OpenMind-Las_multiples_caras_de_la_globalizacion.pdf